

MEMÓRIA E EDUCAÇÃO: CONSTRUTOS DE NEGATIVIDADE SOBRE O NEGRO NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM FORMAL E INFORMAL NO BRASIL E PERSPECTIVAS DE RESSIGNIFICAÇÃO

Luana Lima Bittencourt Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Maria Salete de Souza Nery

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo: As memórias sociais construídas e transmitidas sobre os negros a fim de manter dominação social, atos de violência e desumanização tirando-os do lugar de direito à liberdade, cidadania e igualdade no Brasil estruturaram-se de forma ampla na sociedade. Tendo em vista, essa realidade, este artigo tem como objetivo discutir como muitas memórias sociais de negatividade sobre o negro foram construídas e ainda se mantêm ativas através de processos de aprendizagens formais e informais, além de discorrer sobre perspectivas e possibilidades de ressignificação dessas memórias por meio destes mesmos espaços de ensino-aprendizagem. Trata-se, assim, de uma discussão teórica realizada por meio de pesquisa bibliográfica ancorada em estudos de Paul Ricoeur, Pierre Bourdieu, Achille Mbembe, Nilma Lino Gomes e outros. Como resultados verificou-se que os processos de aprendizagem sociais possibilitaram a transmissão de memórias e discursos de dominação racial sendo incorporados e apreendidos naturalmente por meio de espaços comunicativos formais e informais presentes nas relações sociais, porém observa-se, atualmente, movimentação e abertura para ressignificação da imagem e história dos negros, principalmente, através da educação formal em todos os níveis entendendo que conhecimentos adquiridos podem ser reavaliados e combatidos ao passo que novas vertentes são apresentadas aos sujeitos. Dessa forma, visualiza-se a educação formal brasileira, que apesar de por muito tempo ter contribuído para manutenção de memórias sociais dominantes em seus instrumentos de ensino, como uma das aliadas mais importantes da luta antirracista no país a partir de sua capacidade de fomento à reflexão sobre a diversidade de forma contínua e interdisciplinar.

Palavras chave: Educação. Memória. Racismo

Introdução

As relações étnico-raciais têm sido discutidas com maior intensidade nos últimos anos dando destaque à temática em âmbito mundial a fim de desmitificar preconceitos e tentar coibir a perpetuação da discriminação, da violência e do racismo. A partir da luta por igualdade racial, desencadeada por grupos e movimentos organizados, percebe-se um avanço considerável no que tange à abertura de espaços sociais para debate e aquisição de direitos através de legislações específicas, tanto no âmbito civil quanto penal. Porém, principalmente, para a população negra, ainda se percebe um longo caminho a ser percorrido

em busca de transformação do pensamento social de desvalorização gerado pela trajetória que lhe foi imposta de forma arbitrária, escravizando e subjugando-a a condições de extremo desfavorecimento social.

As memórias sociais construídas e transmitidas sobre os negros passaram por diversos processos oriundos do desejo de perpetuação de dominação sobre estes. Através de múltiplos atos de violência e desumanização buscou-se construir memórias pessoais e sociais que os tirassem do lugar de direito à liberdade, cidadania e igualdade. Ao passo que os dominadores construíram essas memórias, procuraram também apagar aquelas que se referissem às trajetórias, histórias, tradições e culturas dos africanos e afrodescendentes. No Brasil, devido, até mesmo, à sua origem política e econômica, as artimanhas para exclusão e omissão de memórias de positividade sobre a população negra foram intensas, contínuas e renovaram-se a cada época, perdurando nos tempos de muitas gerações e ainda sobrevivendo na atualidade.

A partir da visualização de que ao longo do tempo houve abusos e manipulações para manutenção desta imagem de negatividade do negro na sociedade, entende-se a necessidade de desenvolver discussões e estudos que contribuam para a reconstrução e ressignificação das memórias sobre esse povo. Desta forma, esse artigo surge de um recorte do estudo em andamento para tese de doutoramento na qual busca-se compreender de que forma a utilização de imagens e discursos sobre os negros influencia nas campanhas publicitárias para consumo no Brasil e verificar se e como a obtenção de maior nível de formação acadêmica modifica a forma de analisar os discursos das marcas em suas ações de marketing. Neste recorte teórico, objetiva-se discutir como muitas memórias sociais de negatividade sobre o negro foram construídas e ainda se mantêm ativas através de processos de aprendizagens formais e informais, além de discorrer sobre perspectivas e possibilidades de ressignificação dessas memórias por meio destes mesmos espaços de ensino-aprendizagem na sociedade brasileira.

Para este estudo, foi realizada pesquisa bibliográfica e escolhidas como fontes as discussões teóricas propostas por Paul Ricoeur, Pierre Bourdieu, Achille Mbembe, Nilma Lino Gomes, dentre outros.

Construções e permanências do negro como figura social negativa no Brasil nos processos de aprendizagem

Através da ideia de que alguns povos eram indignos e menos evoluídos, devendo assim se sujeitar à exploração por meio de violência física ou por vias de coerção social e psicológica, a escravidão humana começou a fazer parte da história da sociedade há muitos séculos (PACHECO, 2008). Teorias informam que a escravidão se deu quando tribos antigas começaram a abandonar o ato canibal entendendo que utilizar prisioneiros em atividades cotidianas seria vantajoso, mas apesar de ter um certo sentido lógico, trata-se também de uma forma de abrandar os traços da escravidão, tomando-a como uma evolução da sociedade (GRENOUILLEAU, 2009). Apesar de nos dias atuais ser vista com estranheza, repúdio e indignação, esse tipo de sistema socioeconômico sob condições de opressão e desumanização, se fundamentou em muitas organizações comunitárias pelo mundo variando em forma e grau, se perpetuando no desejo e prazer de dominação sobre o outro.

A memória em âmbito coletivo, como fonte de conservação dos fatos ao longo do tempo, pode sofrer interferências, as quais Ricoeur (2007) trata como abusos. Sabendo que numa construção social com base em uma narrativa seletiva, na qual as mais influentes têm mais ênfase, percebe-se que estas são daqueles que tomaram para si a legitimidade dos discursos e perpetuação destes, os quais através de seus postos de poder e domínio, puderam construir e narrar, encontrando validade no meio social e continuidade no mesmo. Entende-se, assim, que os colonizadores buscaram legitimar a escravidão através de pontos como exaltação de suas identidades, costumes, culturas e de suas conquistas como dominadores contando ser, então, parte de um povo mais forte e capaz ao distorcer a realidade de sua crueldade. Ao inferir que esse tipo de exploração era parte de um castigo divino e que eram instrumentos para salvação dos negros tentaram manter esse sistema ensinado aos próprios escravizados, muitas vezes desde a infância, que pertenciam a uma classe desprezada e que nasciam para servir aos senhores, enquanto ensinava-se aos dominadores e seus descendentes que eram detentores de qualidades que os faziam melhores que os negros.

Halbwachs (1990) insere que a memória é social e que se estabelece por meio de conjuntos de relações sociais e coletivas que o ser constrói ao longo de sua vida. A partir dessas relações, apreendem-se diversos construtos que estão na sociedade como memórias vivas e presentificadas, as quais são pontos de ancoragem para o trabalho de recordação e,

consequentemente, para análise de fatos e narrativas. Assim, torna-se possível vislumbrar que a memória social e coletiva sobre os negros, que mantém a ideia de negatividade sobre estes, conseguiu estruturar-se, sendo propagada e apreendida de diversas formas na sociedade. Neste sentido, nota-se ainda, que essa memória parte da narrativa daqueles que detinham o poder de fala e busca se fazer válida a todos.

Os impedimentos, manipulações e comandos atrelados ao processo de legitimação da memória no arquivamento histórico (RICOEUR, 2007) são capazes de demonstrar a violência com a qual se fundamentou a dominação sobre a população negra. Ainda, conforme Ricoeur (2007, p. 92), é possível perceber que no processo de manutenção de memórias históricas “[...] a glória de uns foi humilhação para outros. À celebração, de um lado, corresponde à execração, do outro. Assim se armazenam, nos arquivos da memória coletiva, feridas simbólicas que pedem uma cura.”. Encontra-se nessas palavras uma realidade experimentada pelos africanos e seus descendentes dentro da realidade social que enfrentam até o presente momento, tendo em vista que todos os estereótipos que as memórias de humilhação implantaram, mesmo com as diversas lutas pelo resgate da história e dignidade humana destes, ainda não foram apagados.

Além da violência física, os negros passaram por processos diversos de violência simbólica, a qual é denotada por Bourdieu (2000) como uma forma de manutenção de dominação de classes através de instrumentos de ação e comunicação que sustentem a subalternidade dos dominados, retirando-lhes oportunidades e controlando o meio social através da legitimação de suas ideologias como sensatas e corretas. Por sua vez, conforme o autor, as ideologias são, ao mesmo tempo, construções coletivas e coletivamente incorporadas, que buscam alcançar de tal forma a coletividade que possam ser observadas como valores universais, apesar de representarem interesses particulares de determinado grupo. Nestes moldes, os colonizadores decidiram quem deveria ser considerado como gente a partir de suas próprias ideologias de ciência, cultura e religião e, assim, legitimaram a hierarquização racial e a exploração (DUMAS, 2019).

O discurso de que o europeu poderia civilizar o negro e o faria escravo por benevolência procurou naturalizar e justificar esse sistema desumano (MBEMBE, 2017). Não deveria haver quaisquer questionamentos sobre a condição de vida e tratamento dado aos negros e aos poucos a história contada virou ‘verdade’ e memória, ao passo que sempre que relembra-se os negros imputava-se a eles todos os quesitos de inferioridade e merecimento da situação em que se encontravam como um construto da ideologia

dominante. Sua terra, seu povo, sua cultura, sua origem e sua trajetória foram retratados de forma deturpada e a realidade foi moldada e fantasiada com substancial negatividade visando impossibilitar o aparecimento das narrativas dos reais protagonistas dessas histórias.

Analisando esta vertente de como se deu a história, pode-se trazer à luz o que Ricoeur (2007) vai notar como abuso de esquecimento, o qual, bem como os abusos da memória, fundamenta-se na supressão da visão e experiência dos dominados. Os negros como oprimidos tiveram suas narrativas caladas, apagadas ou desacreditadas, enquanto houve ênfase nas memórias dos opressores, reafirmando e marcando o que deveria ser rememorado e comemorado e o que deveria ser omitido e extinto. Assim, percebe-se a importância de prezar pela busca das memórias empurradas ao esquecimento com base numa espécie de restituição da trajetória e história que deixou de ser rememorada nas gerações posteriores devido a barreiras impostas pela classe dominante.

Os povos negros eram ensinados que deviam agradecer pela condição em que se encontravam, visto que tinham a chance de ‘conhecer a Deus’ e serem salvos do pecado em que viviam em suas terras de origem (ALBUQUERQUE e FILHO, 2006). Aos poucos, tentava-se acabar com as raízes ainda presentes em cada africano, interiorizando nestes a imagem estigmatizada que a sociedade livre já havia absorvido com facilidade, de forma a interferir em suas crenças, valores, costumes e na visão sobre si mesmos, buscando e, muitas vezes, conseguindo os fazer agentes de manutenção das ideias cultivadas através do silenciamento, mudança comportamental e repasse estruturado desse aprendizado à sua descendência.

Entendendo a necessidade de manter a dominação de maneira estruturada, o dominante percebeu que não poderia se utilizar apenas da violência física, buscando, através dos abusos de memória, apagar identidades, tanto individuais quanto coletivas daqueles que oprimia (RICOEUR, 2007), e no caso da população negra o trabalho para que isso ocorresse foi bastante incisivo. Dificultou-se, assim, a formação de famílias e proibiu-se a continuidade de ações culturais e religiosas dos negros. Dando lugar ao que pode ser observado, no excesso e insuficiência de memória, como fontes de abusos de memória e ao mesmo tempo de esquecimento (RICOEUR, 2007, p. 94), entende-se que a escravidão, da forma como ocorreu no Brasil, foi uma das grandes incentivadoras e fomentadoras à manipulação da memória dos negros e sobre os negros na sociedade.

Invisibilizar os negros dos espaços sociais e dos lugares de direito foi uma das formas de salientar a defendida incapacidade destes e a superioridade da classe dominante. Os retratos



da população negra como inferior e detentora de características repulsivas foram transmitidos, aprendidos e interiorizados por muitos meios, dentre eles a exclusão dos negros do meio social e o reforço da ideologia racista nas comunicações em massa. A falta de visibilidade positiva do negro foi verificada nos meios de comunicação, principalmente, no que tange às mídias televisivas e de imprensa. O negro, na maioria das vezes, foi retratado como pobre, criminoso e digno de depreciação ou de olhar sensualizado, reafirmando estigmas sociais existentes (CALASANS et al, 2015; TELLA, 2008). Enquanto isso, o padrão de beleza e “pureza” do branco acabou sendo reproduzido na mídia como ferramenta para transmissão do discurso e pensamento de superioridade sobre a população negra (SODRÉ, 1999). Por muitos anos, nas construções e reconstruções das memórias negativas sobre os negros foram, então, incentivadas pela propagação de imagens deturpadas destes quando eram mostrados ou pela exclusão deles daquilo que deveria ser lembrado.

Sabe-se que a maior parte dos aprendizados incorporados ao longo da vida são frutos da relação de interação que dão sentido às representações existentes, proporcionam experiências e dão acesso às formas de pensamento com os quais se concorda em determinado contexto. Assim, compreende-se que a depender do meio social e da visão de mundo apreendida no tempo, nem sempre a reflexão pessoal é realizada com robustez, analisando uma diversidade de vertentes. Pelo contrário, muitas vezes, naturaliza-se a apreensão de valores e símbolos sem aprofundamento, principalmente, em fases da vida em que se tem pouco conhecimento sobre o mundo, seus acontecimentos e as construções simbólicas realizadas neste. Deste modo, muitas memórias sociais sobre os negros foram pregadas e apreendidas nestas relações e contextos, sem rigor reflexivo sobre o que estava-se incorporando ou reforçando por meio de imagens, discursos e atitudes cotidianas.

Conforme Bourdieu (2000), os saberes podem ser apreendidos pela prática, através da vivência mesmo transmitida de forma silenciosa e não falada pelo contato duradouro entre aquele que transmite o conhecimento e aquele que o adquire e incorpora. Assim, as ideologias racistas podem ser transmitidas de diversas formas nas interações sociais que se estabelece ao longo da vida. Percebendo, então, o racismo como aprendizado obtido através das relações sociais que tem trazido uma continuidade de memórias deturpadas sobre o negro e perpetuado a segregação do homem pelo próprio homem, colocando características oriundas da descendência como demarcadoras do papel e do lugar de cada um em uma

espécie de verticalização social, enxerga-se manipulações sociais para preservação de uma dominância estrutural.

Neste sentido pode-se inserir que há na sociedade narrativas, discursos e representações, que conseguiram manter as memórias interessadas com grande força de transmissão social. Assim, o aprendizado sobre o negro como sendo oposto ao branco em diversos sentidos sociais é demarcado tanto na linguagem, quanto nas imagens e na prática social em diversos âmbitos, alcançando maior êxito de incorporação e continuidade se demonstrada, ensinada ou experimentada desde a infância. Não é difícil de se observar na sociedade ensinamentos racistas que são apreendidos desde cedo nas estruturas sociais, pois podem se dar tanto no espaço familiar quanto no coletivo aos quais se tem acesso, como o espaço escolar, religioso, cultural e outros.

No processo de aprendizagem o ser humano precisa ter contato social com pessoas, símbolos ou representações que lhe apresente o racismo e lhe mostre a negatividade do negro até que isso seja incorporado e torne-se pensamento e ação. Denota-se que exemplos cotidianos de ensinamento de racismo são comuns, como piadas que são tomadas como brincadeiras inocentes, inserção do negro nos meios de comunicação como subalternos e ruins, marketing valorativo do branco como padrão de sucesso e beleza, invisibilidade de negros em espaços sociais de destaque e tratamento diferenciado destinado ao negro em situações cotidianas vão sendo observados e, mesmo que nem sempre de forma refletida, vão se incorporando ao modo de enxergar o mundo.

Conforme Bourdieu (2000) as ideologias, são, ao mesmo tempo, construções coletivas e coletivamente incorporadas, que buscam alcançar de tal forma a coletividade que possam ser observadas como valores universais, apesar de representarem interesses particulares de determinado grupo. Todos esses pontos, citados anteriormente, refletem-se em pensamentos que a dominância deseja continuar perpetuando, tais como: “Se o negro não ocupa a função social de destaque é porque ele não tem capacidade!”; “Se o negro não está nas campanhas publicitárias que demarcam quem tem sucesso e o modelo que se deve buscar, é porque ele não tem as características necessárias!”; “Se o negro está sendo observado como possível criminoso, é porque tem maior tendência a sê-lo!”. Assim, o racismo procurou incorporar-se tanto nos membros de grupos semelhantes à classe dominante, quanto nos próprios negros, tentando mostrar que suas denotações eram a verdade que não poderia ou não deveria ser modificada.

Os dizeres que permeiam os conteúdos sociais ajudam a construir a realidade ou a reforçam (BOURDIEU, 1983). Assim, as memórias coletivas estão ligadas à memória pessoal ao passo que se entrelaçam através do compartilhamento sociocultural. Nisto, toma-se, outra vez, a necessidade de reflexão sobre quais memórias coletivas têm sido exaltadas e compartilhadas na sociedade através dos discursos que continuam reforçando, ou mesmo construindo, culturas e valores simbólicos, a fim de compreender se estes não têm contribuído para perpetuação de abusos. A que se deixar claro ainda, que quando alguém internaliza determinados discursos pode sofrer interferências e experimentar traumas referentes à questão identitária.

O racismo vem operando silenciosamente nas entrelinhas dos pensamentos no cultivo a uma imagem dominante, pela qual a oportunização ou a distribuição de atividades e espaços ainda se apega a estereótipos raciais, contribuindo para a legitimação da hierarquização racial (IPEA, 2008). Nisto, percebe-se que ainda há muitos espaços sociais que realizam um exercício contínuo de reprodução do racismo. De acordo com Silva e Faustino (2020, p. 9),

No que tange à educação, o racismo se perfaz em estereótipos do que é melhor, mais bonito, mais normal, são aspectos “pregados” pela mídia, pela “moda”, pelos próprios familiares, vinculados ao racismo estrutural e ainda pela sociedade.

A escola como projetora de conhecimentos formais, é um espaço de aprendizado educacional, social e cultural (GOMES, 2002). Por ser um lugar de integração social constitui-se fonte de experimentação das relações que interferem na construção da imagem e identidade, tanto no quesito coletivo quanto pessoal. Sendo uma instituição formal de formação dos agentes sociais pode e precisa interferir nas práticas racistas através do fomento à reflexão sobre os acontecimentos históricos e as questões das relações de desigualdade na sociedade. Infere-se que quando o ser passa por um processo educacional formal esclarecedor, tende a desenvolver consciência crítica e a enxergar mais facilmente as manipulações postas nos discursos em meio à coletividade, refletindo sobre o que deve absorver e o que deve combater.

Os espaços sociais de interação são locais que contribuem para o enraizamento de memórias coletivas. Dentre eles, a escola faz-se como grande aliada para isto, ao mesmo tempo que pode contribuir consideravelmente para a reflexão sobre estas memórias que são constantemente propagadas, como no caso de estigmas. A sala de aula é, então, um lugar privilegiado dos deslocamentos de pontos de vista da memória coletiva, onde se guarda ou se forma determinada memória pessoal (RICOEUR, 2007). Sendo assim, é importante a

reflexão antecipada sobre o que se é ensinado no espaço escolar por meio dos conteúdos, mas também através das ações ou omissões diante dos acontecimentos sociais.

Nas instituições de educação formal são encontrados espaços propícios a uma construção identitária fundamentada, mas nem sempre estes têm sido utilizados como tal. Ricoeur (2007) cita que, em muitos casos, pode haver um processo de desapossamento do protagonismo de grupos contarem sua própria narrativa através de um comportamento revelado em um esquecimento semi-passivo ou semi-ativo dos indivíduos de determinado grupo por medo, fuga, omissão, falta de conhecimento ou mesmo falta de intencionalidade de buscar por algo que contradiga a história oficial. O trabalho para que isso ocorresse com a população negra foi bastante efetivo por muitos anos, até mesmo, quando pelo viés social conseguiu-se calar ou transformar o negro em agente ativo em prol do racismo.

Nas histórias reais ou fictícias, apresentadas também nos espaços formais de educação, por muito não havia protagonismo negro, pelo contrário, ao serem citados eram anônimos ou parte de um todo sem individualidade (CHINEN, 2013). As crianças negras não encontravam personagens que pudessem aumentar sua autoestima, pelo contrário, o retrato do negro sempre trazia efeitos negativos nesta. Ainda hoje, apesar de ter aumentado exponencialmente a literatura com ideal de ressignificação do ser negro, pouco se vê negros em posições de sucesso e protagonistas que sirvam de inspiração e modelo de positividade, reforçando experiências e aprendizagens que inferiorizam o negro e realçam uma falsa superioridade no fato de ter a pele branca. Uma realidade que vem sendo alvo nas lutas antirracistas, nas campanhas por instituição e implementação de políticas públicas educacionais e em diversas discussões acadêmicas com o objetivo de modificar as visões e os discursos que tem se perpetuado em meio à reforços ou esquecimentos sobre os negros.

Aprendizagem para ressignificações da imagem do negro

De acordo com Bourdieu (2007), a relação com outras pessoas e a convivência em grupo fazem com que as pessoas passem a agir sob direcionamentos, estando em constante contato com o que foi interiorizado e com o que lhe é exterior. Muitas das escolhas dos agentes sociais se dão dessa forma por meio da reprodução realizada de geração em geração, apoiadas na história e na memória destes. Analisando isto sob a ótica de pertencimento racial, observa-se que os grupos ativistas negros têm buscado inspirar os afrodescendentes a se valorizarem com seus traços de origem e como agentes sociais de direitos, no ideal de

modificar ideias racistas que se arraigaram na sociedade e na memória dos indivíduos a fim de que inibir e oprimir a população negra, estigmatizando-a e fazendo com que busque distanciar-se de suas pertencas.

Impulsionados pela sociedade e pelo ponto de vista dominante, muitos negros passaram a ser imagem de seguimento do padrão de beleza branco. Ensinados que estes traços eram os ideais, os bons e os valorizados, muitos introjetaram, memorizaram e seguiram o modelo de cabelos que precisavam ser alisados, traços de negritude que deveriam ser escondidos e aceitaram as posições sociais que lhes cabiam conforme pensamento social construído pela dominação. Hoje, por sua vez, caminha-se para o aprendizado, desde a infância, da valorização de sua descendência e seus traços raciais, bem como a percepção das desigualdades, porém sabendo que pode empoderar-se e buscar o lugar em que quiser se colocar, apesar das barreiras que ainda existem. Neste sentido busca-se que este aprendizado se dê também no campo educacional formal com a constituição de projetos e políticas públicas que inserem a temática racial e empoderamento negro dentro das instituições escolares.

Observa-se, atualmente, grande busca por inserção da população negra nos contextos sociais, enfrentamento direto do racismo estrutural e bradar de vozes em prol de igualdade de direitos e respeito. Esse movimento de renovação tem sido interiorizado pelas novas gerações e regado para crescimento nas gerações vindouras. Não que isso tenha avançado de forma a preencher todas as lacunas existentes, mas as lutas de movimentos negros na sociedade alcançaram grandes conquistas na implementação dos debates e inserção da temática étnico-racial nas escolas de Educação Básica por meio da Lei de nº 10.639/2003, por exemplo, como uma das formas de combate ao racismo no Brasil por meio da transmissão de conhecimentos voltados à valoração da diversidade racial, ao reconhecimento do negro como construtor da sociedade brasileira e ao reconhecimento das mazelas causadas a este pelos processos de escravidão, discriminação e segregação racial.

Para transformações sociais na coletividade humana entende-se que se faz necessário um desenvolvimento/crescimento sociocultural que tende a vir através da experimentação de novas vertentes de conhecimento, reflexão e análise destas para ressignificação de visões. Assim, infere-se que a transformação da sociedade na perspectiva de combate ao racismo logrará êxito se houver reconstrução e ressignificação de memórias, estabelecendo aprendizados que possam destituir as camadas de discriminação que se puseram como

dominantes e incorporaram-se como naturais, buscando se manter como bases e ápices do pensamento social correto e devido.

Segundo Nora (2012, p. 11), o exercício de “interrogar uma tradição, por mais vulnerável que ela seja é não mais se reconhecer como seu único portador”. Neste sentido, as lutas de movimentos sociais e de movimentos negros contra o racismo, bem como o fomento à discussão racial no país, continuam sendo extremamente necessárias para estabelecer novas ordens de pensamento social sobre os humanos que integram a sociedade. Seguir a ideologia dominante e transmiti-la, aos poucos, tende a se tornar menos naturalizado, tendo em vista o acesso às discussões que se colocam no contexto social do qual se faz parte. Não que o caminho seja simples e rápido, mas o questionamento em torno da temática é uma grande aliada à transmissão de necessidade de reflexão ativa sobre o que as pessoas estão incorporando e compartilhando em suas interações sociais, a fim de estabelecer um policiamento e uma sobre pensamentos, escolhas e ações.

Os discursos que ainda permeiam a sociedade atual resguardam a negatividade sobre a população negra, mas aos poucos observa-se uma transformação que tem sido disseminada e cultivada por muitos. Resignificar o ser negro tem sido um trabalho construído coletivamente em diversos âmbitos sociais e inspirado muitos negros a realçarem seus traços naturais, com um olhar diferente do que foi dito por tanto tempo. A valorização da ancestralidade, trajetória, cultura e contribuições sociais dos negros têm sido ensinadas nas mínimas oportunidades que aqueles que acreditam na legitimidade da luta antirracismo encontram. Ressalta-se essa luta vem buscando um único objetivo: a conquista da igualdade e equidade racial dentro da sociedade com a aceitação e valoração da diversidade.

Espera-se, que os movimentos que hoje estão alcançando espaço no meio social, abrangendo o combate ao racismo e a modificação de visão sobre o negro, continuem crescendo e que, algum dia, as marcas de discriminação sejam apenas história de um passado distante que foi superado e as vertentes que nele foram cultuadas possam ser apenas objetos de reflexão para onde não se deve retornar. Ainda, que os espaços formais de educação sejam pontes fixas para essa discussão e reflexão sobre as questões raciais em todos os níveis de ensino, a fim de que as análises sobre a temática possam ser realizadas pelos educandos nas diversas situações da vida, estabelecidas por discussões que não sejam apenas pontuais em determinados períodos, mas regulares, cotidianas e interdisciplinares.

Ademais, entendendo que a memória oportuniza o ser humano no sentido de adquirir conhecimento e repassá-lo a outros, do mesmo modo que possibilita a reflexão e a



reconstrução do que havia sido guardado no passado agindo sobre este no presente, imputa-se ao homem, como sociedade, modificar e ressignificar as memórias que se formaram sobre os negros, transformando a realidade atual que refletirá nas gerações vindouras. Não quer dizer que o trabalho de memória nesse aspecto será simples e rápido, mas quer dizer que é possível e essencial para remodelar a experiência humana no mundo.

Conclusão

O processo de rejeição ao negro foi macro, abarcando movimentos diversos para a permanência de dominação sobre estes. A descendência e diferença físico-cultural foram pontos para a escolha dos negros para a escravidão, o que, por sua vez, demarcou o espaço destes na sociedade como subalternos e selvagens. A escravidão quando superada envolveu os negros numa rede de discriminação que os empurrou para a desigualdade socioeconômica no Brasil, ao mesmo tempo em que a falta de negros nos espaços sociais como parte da estrutura de destaque reforçou a ideologia de negatividade, incapacidade e inferioridade destes em processos de transmissão e aquisição de aprendizados geracionais. Superar tantas amarras requer um trabalho amplo de ressignificação de memória social sobre os negros e sobre suas trajetórias por meio de processos de ensino tanto formais, quanto informais.

Sob a observação da imagem do negro na sociedade brasileira e do tratamento despendido a ele, torna-se clara a continuidade de memórias sociais e pessoais nessa perpetuação ideológica. O racismo, tido como um aprendizado incorporado, é real, vivo e atuante, tendo alta tendência de naturalizar-se, pois está sobre bases amplas de uma realidade de desigualdades de oportunidades, de lugar e de fala. Apesar de ter sido e de continuar sendo contrariada, a ideologia racista não desapareceu, pelo contrário, procurou se adaptar ao longo dos anos e realiza-se, estruturalmente, nos diversos espaços e através dos variados meios de comunicação e formas de representações simbólicas existentes.

Tomando a premissa de que as memórias pessoais e sociais podem ser constituídas e reconstituídas através de reflexões e análises oriundas de novos conhecimentos, salienta-se a necessidade e a importância de estudos que sirvam para ampliar os debates sobre a busca pelo apagamento e esquecimento das minorias como detentoras de saberes, conquistas e dignidade. No que tange aos negros, evocar e reconstituir suas memórias a partir de um olhar expandido sobre usos destas ao longo do tempo se torna essencial para construir

conhecimentos e incentivar a análise sobre o racismo que ainda tem se dado de forma estrutural em diversas sociedades da atualidade.

Ademais, se faz importante realizar análises sobre o que tem sido propagado pelos meios de comunicação e nos espaços de relações sociais, inclusive os formais por meio de agentes e materiais de ensino-aprendizagem, como forma de encontrar o problema e sobre estes refletir sobre possíveis soluções de ressignificação da imagem do negro na sociedade. Sabendo ainda que os processos de aprendizagens são contínuos e que as pessoas podem através de novos aprendizados reavaliar o que já havia sido incorporado anteriormente, entende-se a educação formal como um espaço de grande valia para o combate às representações racistas sobre o negro e para aprendizados que valorizem o ser humano e dotem todos de igualdade e cidadania, desmistificando denotações de inferioridade oriundas de pertença racial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FILHO, Walter Fraga. **Uma história do negro no Brasil**. Fundação Cultural Palmares, Salvador, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____, Pierre. **As estruturas sociais da economia**. Paris: Ed. Seuil, 2000.

_____, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

CALASANS, Bruna Santos; SANTOS, Elisane Alves dos; CRUZ, Franciele Viana da; SANTOS, Mateus Gonçalves Ferreira dos; ARAÚJO, Maria do Carmo. Democracia racial e a estigmatização do negro na mídia e na sociedade brasileira. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN -2 a 4/07/2015. Disponível em <www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-0933-1.pdf>. Acesso em: 10 de dez. de 2020.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros**. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – São Paulo, 2013.

DUMAS, Alexandra Gouvêa. **Corpo negro: uma conveniente construção conceitual**. In: XV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, nº 21, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>>. Acesso em: 01 de out. de 2020.



GRENOUILLEAU, Olivier Pétré. **A história da escravidão**. Boitempo editorial, França/Brasil, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Rubí, Barcelona: Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1990/2004.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Desigualdades raciais, racismo e políticas públicas: 120 anos após a abolição**. Brasília, maio de 2008.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 10, out. 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso em: 20 de nov. de 2020

PACHECO, Célia Maria de Freitas. **Origens e transformações da escravidão na África: Como o negro foi transformado em sinônimo de escravo**. Curitiba, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1399-6.pdf>> Acesso em: 20 de nov. de 2020.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2007.

SODRÉ, M. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

TELLA, Marco Aurélio Paz. Estigmas e desqualificação social dos negros em São Paulo e Lisboa. **Ponto-e-vírgula**, 3: 152-169, 2008. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/14249>> Acesso em: 20 de nov. de 2020.

SOBRE AS AUTORAS

Luana Lima Bittencourt Silva

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, luanna.llb@gmail.com;

Maria Salete de Souza Nery

Docente dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB - e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -UESB, saletenery@ufr.edu.br .